



4165 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)  
GT08 - Formação de Professores

UTOPIAS E DISTOPIAS NA FORMAÇÃO: saberes na/da experiência e a constituição do ser-professor  
Julio Bispo dos Santos Junior - UFBA - Universidade Federal da Bahia  
Agência e/ou Instituição Financiadora: Não há

Este artigo é resultado de uma pesquisa em andamento desenvolvida junto ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA) em articulação com as discussões e ações do grupo Formação de Professores em Serviço (FEP/UFBA). Tem por objetivo discutir sobre como a manifestação de utopias e distopias na formação movimenta os saberes na/da experiência para a constituição do ser-professor. Ancorado-se no paradigma fenomenológico pretende-se aproximar da realidade como espaço de experiências e produção de saberes que orientam sentidos e compreensões no mundo, através da observação, registro, descrição densa das narrativas de vida-formação e do movimento interpretativo do que se mostra. Assim, utopias e distopias são compreendidas como possibilidades, fenômeno imbricado e necessário na/para a formação e constituição do ser-professor.

Palavras-Chave: Utopias. Distopias. Formação de Professores

### O PERCURSO DAS INQUIETAÇÕES

A relação entre experiências, vida humana e saberes orientam a produção de sentidos deste inquietar-se com a formação de professores. Um momento em que, como professor na Educação Básica e Ensino Superior vislumbrei a ampliação e o acesso da educação básica, à universidade, o crescimento de experiências educacionais inovadoras e a ampliação do mercado editorial sobre educação (VEIGA, 2010). Por outro lado, a ausência e/ou precariedade, se mostraram entre a formação de professores e os saberes da experiência; a descontinuidade da formação e das políticas públicas e “a escola básica como propulsora de novos problemas, tanto mais difíceis de resolver quanto mais variados se apresentam os modelos familiares e a fragilidade de suas estruturas” (VEIGA, 2010, p.15), configurando o espaço de enfrentamentos em que professores se constituem, sendo professores.

O contexto ora apresentado de um cenário de incertezas sociais, políticas, econômicas ressignificam a profissão e a vida, seus processos formativos e formas de saber sobre a docência. A atual conjuntura do país com o avanço de uma política econômica neoliberal, acentua os processos de desprofissionalização por baixos salários, precariedade nas condições de trabalho e intensificação do trabalho docente (NÓVOA, 2017). Outra percepção necessária consiste em compreender “que Redes educacionais e escolas são instituições integrantes da sociedade e, como tal, nelas se encontram os mesmos traços característicos das dinâmicas sociais, aí incluídas tensões e conflitos de uma dada conjuntura” (GATTI, 2017, p. 722). Ainda assim, mesmo considerando que a realidade que se apresenta possa se constituir como agentes deformadores e/ou possibilidade de desvelar-se como agentes formadores (ARROYO, 2011), é um movimento de uma mesma constituição: movimenta-se na relação do sujeito e o mundo, visto que “compreendemos as coisas na medida em que nos movemos entre elas (MERLEAU-PONTY, 2011).

O mover-se orientado pela compreensão do mundo em que se vive, aberto à interpretação de sua condição própria de atuar, é um exercício de aproximação aos processos constitutivos da/na atuação docente, na forma de ser na escola e exercer a profissionalidade e de constituir professor pelas experiências vivenciadas. Para Nóvoa (2009) “as opções que cada um de nós tem de fazer como professor, as quais cruzam à nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar, desvendam na nossa maneira de ensinar à nossa maneira de ser. É impossível separar o eu profissional do eu pessoal. (p.17)”, e esta impossibilidade de separação constitui o ser-professor.

A constituição deste ser, de experiências na formação de professores (BRASIL, 2002), movimenta-se como “algo que nos faz pensar (...) algo que luta pela expressão, e que às vezes, algumas vezes, quando cai em mãos de alguém que dá forma a este tremor, então, somente então, se converte em cantos”. (LARROSSA, 2016, p.10). O que acontece e nos acontece podendo tornar-se vibração ou canto que ecoa, é uma metáfora sobre a experiência que reafirma a condição do professor em que seu saber-fazer está orientado por vivências, reflexão, escolhas e deliberação como movimento de saber e saber-se, que reafirma o ser-professor.

O constituir-se professor, neste momento, é marcado por diversos desafios à profissão, em um presente de insegurança e um futuro de incertezas que afeta a esperança e alimenta um certo medo sobre o amanhã (BAUMAN, 2009). Mas este medo também mobiliza desejos, fantasias e o sonho alimentado pela esperança de um futuro melhor: uma utopia promissora na educação como solução dos problemas. ... Será?

### PERCURSOS ENTRE UTOPIAS, DISTOPIAS E FORMAÇÃO

Segundo o Dicionário Aurélio (FERREIRA, 2018) a palavra utopia tem por significado “País imaginário em que tudo está organizado de uma forma superior; sistema ou plano que parece irrealizável; fantasia”. Entre seus significados utopia percorre sentidos que perpassam da organização política com origem na obra de Tomas Morus (2012) que no século XVI apresenta a ilha imaginária Utopia e sua idealização de governo e sociedade. De outro modo, quando utopia tem por significado a fantasia, aproximação da idealização, da construção do sonho, do olhar para o futuro “prometendo o mesmo prêmio inatingível alardeado por todas as utopias, ou seja, uma solução derradeira para todos os problemas humanos passados, presentes e futuros” (BAUMAN, 2009, p.113), ela assume outra significação, a de correção de uma realidade condicionando a “simples aspiração ou sonho genérico, resolvendo-se numa espécie de evasão da realidade vivida. Mas também pode tornar-se força de transformação da realidade”, (ABBAGNANO, 1998, p. 987), ganhando forma e potência suficiente para mobilizar experiências inovadoras.

Os conceitos de utopia como transformação e potência inovadora ou como impossibilidade de solução definitiva para os problemas da humanidade, oscilam entre a ideia de fantasia do inalcançável e a esperança do realizável. Diante desta possibilidade de interpretar a utopia, cabe questionar: Para que serve a utopia? Para esta provocação, o cineasta argentino Fernando Birri, citado por Eduardo Galeano (2011) afirma que *"Ella está en el horizonte —dice Fernando Birri—. Me acerco dos pasos, ella se aleja dos pasos. Camino diez pasos y el horizonte se corre diez pasos más allá. Por mucho que yo camine, nunca la alcanzaré. ¿Para qué sirve la utopía? Para eso sirve: para caminar. (p.230)"*.

Ao assumir a utopia como movimento, compreendo-a como necessária para a produção de saberes na/da experiência que se constituem enquanto se é no mundo, condição necessária para o futuro. Desta forma " futuro e utopia como experiências humanas indissociáveis se nutrem na histórica crença, que homens e mulheres sempre tiveram e ainda têm, sobre a possibilidade de sonhar, de construir projetos societários para um mundo melhor" (BIANCHETTI; THIESEN, 2014, p. 34), assim o sentido de utopia aproxima-se de idealização, condição necessária para a projeção de expectativas para o futuro. Entretanto, diante do contexto já apresentado de insegurança e incerteza permanente (BAUMAN, 2009) que muitas vezes nos privam de expectativas, cabe questionar: A descrença no futuro decreta o fim da utopia?

O questionamento sobre as incertezas no presente e a ausência de expectativas para o futuro, como possibilidade de compreender o mundo, me aproxima ao discurso de Russel Jacoby (2011) quando anuncia o "Fim da Utopia" descrevendo o estado de apatia que domina o Ocidente. O sentimento de apatia não pode ser confundido como sinônimo do que se denomina como distopia, pois seu sentido não é restrito à negação da Utopia, mais se aproxima desta interpretação, posto que são sentidos coexistentes. A negação da utopia traz um outro conceito, necessário para este ensaio, o de distopia. O significado de distopia (FERREIRA, 2010) se apresenta relacionado, tal qual o de utopia, na organização imaginária, social e política, em que tudo está organizado de uma forma opressiva, assustadora ou totalitária, por oposição à utopia.

O surgimento da Distopia como descrença no amanhã, contrariando a ideia grega de *eutopia* (lugar bom) ou de *outopia* (em lugar nenhum), manifesta um futuro assombrado pela ausência de lugar, do sonho, da esperança e das realizações humanas. Assim, "o futuro, objeto de ocupação histórica, razão maior da experiência de hominização, tem sido a questão central que distingue utopia de distopia. É um nó que permanece atado à existência e que insiste em mobilizar sonhos e/ou arrefecer possibilidades" (BIANCHETTI; THIESEN, 2014). A distopia como oposição a utopia, se questionada sobre o "para que serve", paradoxalmente cumpre a mesma função: produz movimentos, pois utopias e distopias enquanto sonho ou ausência, são formas de enfrentar o que se mostra na relação entre o eu e o mundo como produção de sentidos.

É nesta compreensão da relação indissociável entre utopias e distopias como movimento necessário para contextualizar e atualizar a formação, que considero este movimento como produtor de saberes experienciais que atuam na constituição do ser-professor. Assim o que interroga à consciência, que mobiliza o exercício de produção de sentidos materializa-se na questão: Como a manifestação de utopias e distopias movimentam a formação e os saberes da experiência para a constituição do ser-professor?

O percurso desta pesquisa e todo exercício de produção de sentidos assenta-se na Fenomenologia que, como paradigma de pesquisa, orienta-se pela investigação direta e descrição dos fenômenos que são experiência e se mostram à consciência (BICUDO, 1994). A fenomenologia traz o retorno às coisas mesmas, ao que antecede a compreensão de um dado acontecimento - surgimento ou ocultamento – (HURSSSEL, 2006) que na esfera interpretativa já está presente; um antever, uma prévia, um mundo antes do conhecimento que se manifesta enquanto é. Interessa-me histórias de vida e formação que se manifestam na escola, com contextos e percursos que vem da vida e demarcam a condição de ser, na constituição do ser-professor.

Será um exercício de aproximação a narrativa de vida, ao lugar da memória como representação de experiências, pois " o saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem sentido que nos acontece. (LAROSSA,2016, p. 32) ". São saberes que se apresentam nas sutilezas da forma como os significados de vidas de professores se manifestam e os sentidos que surgem destas aproximações como exercício fenomenológico.

Para esta compreensão, faz-se necessário a redução fenomenológica de Husserl (2006) como condição para uma fenomenologia pura, que ontologicamente não se permite a mera descrição do surgimento/ocultamento de um fenômeno, a redução proposta por Husserl tem por objetivo trazer à consciência, a pura essência do fenômeno que se manifesta, assim, somente através do constante questionamento sobre o que se apresenta aos sentidos é que possibilita a aproximação interpretativa. Merleau-Ponty (1999), sobre esta aproximação interpretativa e apreensão do fenômeno manifesto, esclarece que o mundo não é um objeto e existe homem interior, preocupa-se em não separar o sujeito que percebe e o mundo como objeto percebido; é uma fenomenologia que antecede ao conflito sujeito-objeto.

A compreensão da indissociabilidade do sujeito com o mundo como campo de experiências que se mostram a consciência não é suficiente para o que interroga e movimenta a proposta de pesquisa. É necessário esclarecer a forma em que se é no mundo a partir da interrogação: O que é ser? Para Heidegger (2009) o fenômeno é a possibilidade de *ser*, existência possível, do ser-aí que é-está imerso no mundo. A compreensão é interpretação fenomenológica indissociada da forma de estar, viver, sentir, aparecer no mundo: não há distinção, o ser é, o mundo é.

Assim, entre utopias e distopias, formação e saberes da experiência que se articulam para a compreensão sobre a constituição do ser-professor, pretende-se ambientá-la, como possibilidade de aproximação, em espaços de experiência que este autor atua e produz sentidos sobre formação. Por este motivo o campo desta pesquisa em andamento se dará em Escolas Municipais onde atuam os estudantes egressos da Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), instituição e curso em que vivencio à docência em experiência contínua. Ao realizar esta redução, tenho por objetivo compreender a constituição do ser-professor nos espaços de experiência em que estes egressos estão atuando. Por enquanto, diante das possibilidades que ainda se desvelam no campo de pesquisa, a estratégia mais apropriada ao momento de aproximação, são as entrevistas, rodas de conversa, a aproximação às narrativas de vida, e a observação da constituição e descoberta do ser-professor enquanto se é no espaço concreto da escola.

Por fim, para além de contar e descrever histórias que são narradas nos espaços em que professores se constituem professores, esta proposição se propõe a compreender vidas de sujeitos que nela são, a imbricar lembranças, desejos, sonhos e desencantos como condições formais ou não de um mesmo processo formativo que constitui o ser-professor. Assim, no processo e tempo em que esta pesquisa se delinea, ouso ao desconhecido, arrisco-me no perigo pois, "a decisão é bem mais difícil e perigosa, particularmente ali, onde o homem perdeu-se na subjetividade" (HEIDEGGER. 1973, 367). Estar perdido, lançar-se ao incerto, entre utopias e distopias, este será eu percurso compreensivo!

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi. 2ª ed. São Paulo, SP: Editora Martins Fontes, 1998.

ARROYO, Miguel. **Ofício de Mestre**: imagens e auto-imagens. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BAUMAN, Zygmund. **Tempo Líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009

BIANCHETTI, Lucídio; THIESE, Juares da Silva (org.). **Utopias e Distopias na Modernidade**: Educadores em diálogo com T. Morus, Francis Bacon, J. Bentham, A. Huxley e G. Orwel. Ijuí: Ed. Unijuí, 2014.

BICUDO, M. A. V.; ESPOSITO, V. H. C. **A Pesquisa Qualitativa em Educação**: um enfoque fenomenológico. São Paulo, SP: Editora UNIMEP, 1994

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Formação de Professores da Educação Básica**. MEC 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Eletrônico Aurélio Século XXI** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira e Lexikon Informática, 1999. Versão 3.0. 1 CD-ROM.

GALEANO, Eduardo. **Las Palabras Andantes**. Argentina: Catálogo, 2001

GATTI, Bernadete Angelina. **Formação de Professores, Complexidade e Trabalho Docente**. Revista Diálogo Educacional. Curitiba, v. 17, n. 53, p. 721-737, 2017

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Tradução Márcia de Sá Cavalcanti Schuback; posfácio de Emanuel Carneiro Leão. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral a fenomenologia pura**. Tradução Marcio Suzuki. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2006.

LAROSSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre a experiência. Tradução Cristina Antunes e João Vanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O Visível e o Invisível**. 4ª ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 2009.

\_\_\_\_\_. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2 ed. São Paulo, SP: Martins fontes, 1999

MORUS, Thomas. **A Utopia**: ou o tratado da melhor forma de governo. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L & PM, 2012.

NÓVOA, Antônio. **Firmar a posição como Professor afirmar a condição da Docência**. Cadernos de Pesquisa v.47 n.166 p.1106-1133 out. /dez. 2017.

VEIGA, Ilma PassosAlencastro. **A Aventura de Formar Professores**. 2ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2010

RICOUER, Paul. **A Ideologia e a utopia**. Tradução de Silva Rosa Filho e Thiago Martins. 1ª ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2015